



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA ELÉTRICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA ELÉTRICA**

YANN BRUNO ANDRADE MELLO

TÍTULO DO TRABALHO

FORTALEZA

2026

YANN BRUNO ANDRADE MELLO

TÍTULO DO TRABALHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Engenharia Elétrica do
Centro de Tecnologia da Universidade Federal
do Ceará, como requisito parcial à obtenção do
grau de bacharel em Engenharia Elétrica.

Orientador: Prof. Dr. Dalton Honório de Araújo

Coorientador: Prof. Me. Paulo Honório Filho

FORTALEZA

2026

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxo metodológico do agente para projeto elétrico residencial 8

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Regras mínimas de previsão de TUG por tipo de ambiente e potência atribuída	16
Tabela 2 – Dimensões, áreas e perímetros dos ambientes do projeto	23
Tabela 3 – Ambientes e dimensões do Estudo de Caso 2	23
Tabela 4 – Ambientes e dimensões do Estudo de Caso 3	23
Tabela 5 – Cargas mínimas de iluminação (Estudo de caso 1)	24
Tabela 6 – Cargas mínimas de TUG (Estudo de caso 1)	25
Tabela 7 – Cargas mínimas de iluminação (Estudo de caso 2)	25
Tabela 8 – Cargas mínimas de TUG (Estudo de caso 2)	25
Tabela 9 – Cargas mínimas de iluminação (Estudo de caso 3)	26
Tabela 10 – Cargas mínimas de TUG (Estudo de caso 3)	26
Tabela 11 – Divisão em circuitos (Estudo de caso 1)	27
Tabela 12 – Divisão em circuitos (Estudo de caso 2)	27
Tabela 13 – Divisão em circuitos (Estudo de caso 3)	27
Tabela 14 – Seções dos condutores (Estudo de caso 1)	29
Tabela 15 – Dimensionamento dos disjuntores (Estudo de caso 1)	29
Tabela 16 – Seções dos condutores (Estudo de caso 2)	29
Tabela 17 – Dimensionamento dos disjuntores (Estudo de caso 2)	29
Tabela 18 – Seções dos condutores (Estudo de caso 3)	30
Tabela 19 – Dimensionamento dos disjuntores (Estudo de caso 3)	30
Tabela 20 – Tipo de fornecimento e proteção geral (síntese)	30
Tabela 21 – Comparativo geral dos estudos de caso	31
Tabela 22 – Resultado da validação (síntese)	32

LISTA DE SÍMBOLOS

A_e	Área efetiva da antena
B	Largura de faixa em que o ruído é medido em Hertz
d	Distância em metros
E	Campo elétrico
FA	Fator da antena
Gr	Ganho de recepção
h	Altura efetiva ou comprimento efetivo de uma antena
I	Corrente elétrica
k	Constante de Boltzmann's
K	Eficiência de irradiação
M	Variação do patamar de ruído em função da RBW
N	Condutor de neutro
NF	Figura de ruído
Ni	Potência do ruído na entrada
No	Potência do ruído na saída
P	Potência
R	Resistência
Si	Potência do sinal na entrada
So	Potência do sinal na saída
t	Tempo
V	Tensão
ZL	Impedância da antena
Zo	Impedância de referência (50Ω)
λ	Comprimento de onda
Γ	Coeficiente de reflexão

SUMÁRIO

1	METODOLOGIA	7
1.1	Aquisição das informações do projeto e consolidação do escopo	9
1.1.1	<i>Entrada por conversação em linguagem natural</i>	9
1.1.2	<i>Entrada por imagem da planta baixa</i>	10
1.1.3	<i>Estruturação do modelo do imóvel e regras de consistência</i>	10
1.1.4	<i>Critério de encerramento da etapa (escopo “fechado”)</i>	11
1.2	Modelo normativo e estratégia de aplicação	11
1.2.1	<i>Formalização das regras normativas</i>	11
1.2.2	<i>Organização do pipeline de dimensionamento</i>	13
1.2.3	<i>Premissas e limites de escopo adotados</i>	14
1.3	Pipeline de dimensionamento do projeto elétrico	14
1.3.1	<i>Previsão de carga de iluminação</i>	14
1.3.2	<i>Precisão de tomadas de uso geral</i>	15
1.3.3	<i>Tomadas de uso específico - TUE e circuitos dedicados</i>	16
1.3.4	<i>Divisão da instalação em circuitos terminais</i>	16
1.3.5	<i>Previsão de circuitos reserva</i>	17
1.3.6	<i>Dimensionamento de condutores e dispositivos de proteção</i>	17
1.3.7	<i>Balanceamento de fases</i>	18
1.3.8	<i>Verificação final e retorno para correções</i>	18
1.4	Geração do memorial de cálculo e organização da documentação do projeto	18
1.4.1	<i>Organização do memorial</i>	18
1.4.2	<i>Rastreabilidade entre método e documento</i>	20
1.5	Estratégia de validação da metodologia	20
1.5.1	<i>Base de referência e dados utilizados</i>	21
1.5.2	<i>Critérios de avaliação e equivalência aceitável</i>	21
2	RESULTADOS	22
2.1	Estudos de caso e dados de entrada	22
2.1.1	<i>Estudo de caso 1</i>	22
2.1.2	<i>Estudo de caso 2</i>	23
2.1.3	<i>Estudo de caso 3</i>	23

2.1.4	<i>Premissas gerais adotadas nos três estudos de caso</i>	24
2.2	Previsão de cargas mínimas por ambiente	24
2.2.1	<i>Estudo de caso 1</i>	24
2.2.2	<i>Estudo de caso 2</i>	25
2.2.3	<i>Estudo de caso 3</i>	26
2.3	Divisão em circuitos terminais	26
2.3.1	<i>Estudo de caso 1</i>	28
2.3.2	<i>Estudo de caso 2</i>	28
2.3.3	<i>Estudo de caso 3</i>	28
2.4	Dimensionamento dos circuitos	28
2.4.1	<i>Estudo de caso 1</i>	30
2.4.2	<i>Estudo de caso 2</i>	30
2.4.3	<i>Estudo de caso 3</i>	30
2.5	Determinação do tipo de fornecimento e proteção geral	30
2.6	Síntese comparativa dos estudos de caso	31
2.7	Discussão e validação dos resultados	31
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICES	34
	ANEXOS	34
	ÍNDICE	34

1 METODOLOGIA

Este trabalho utiliza três frentes principais para alcançar os resultados propostos: (i) um mecanismo de aquisição e consolidação de requisitos do projeto elétrico residencial, capaz de interagir com o usuário em linguagem natural e/ou interpretar uma planta baixa em formato de imagem; (ii) um conjunto de rotinas de dimensionamento fundamentadas em normas técnicas aplicáveis a instalações elétricas de baixa tensão e em diretrizes locais de fornecimento, responsáveis por transformar as informações do imóvel em cálculos e decisões de projeto; e (iii) um procedimento de verificação de conformidade com realimentação do processo, visando assegurar que o resultado final atenda aos critérios normativos e às boas práticas adotadas.

Além disso, o método foi estruturado para manter rastreabilidade ao longo da execução, por meio de uma representação estruturada do projeto (modelo da residência), que é atualizada progressivamente conforme novas informações são obtidas e conforme os cálculos são realizados. Essa abordagem permite organizar o processo em etapas claras, reduzir ambiguidades e apoiar a geração final do memorial de cálculo.

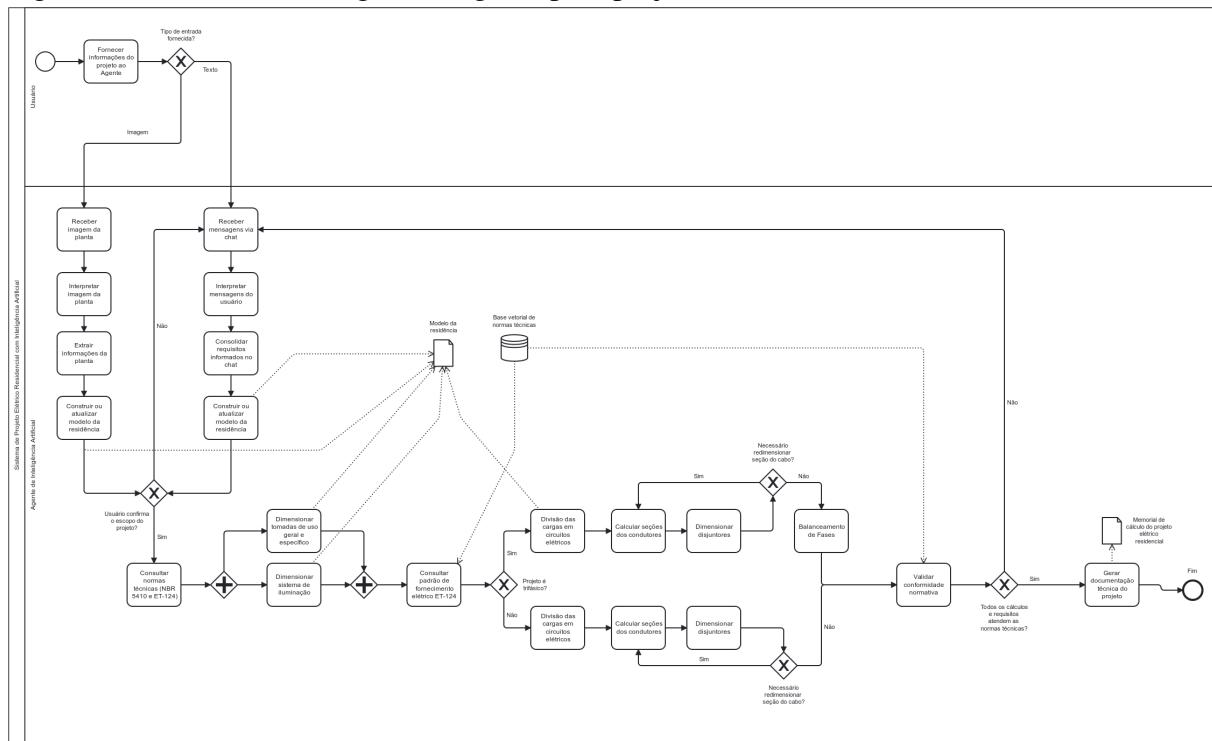
Neste capítulo, serão detalhadas as metodologias empregadas para (a) coletar e organizar as entradas do usuário, (b) construir o modelo do imóvel, (c) executar o pipeline de dimensionamento e (d) validar o atendimento às normas técnicas, culminando na geração do memorial de cálculo.

Solução proposta e visão geral do Fluxo

A Figura 1 apresenta o fluxo metodológico proposto neste trabalho, representado em formato processual. O processo se inicia com o fornecimento de informações pelo usuário ao agente, podendo ocorrer por dois caminhos de entrada: texto (conversação em linguagem natural) ou imagem da planta baixa.

No primeiro caminho, o usuário interage por mensagens, e as informações são interpretadas e consolidadas progressivamente, até que o escopo do projeto seja suficientemente definido. No segundo caminho, o usuário fornece uma planta baixa em formato de imagem contendo, preferencialmente, identificação dos ambientes e suas dimensões. A interpretação da planta busca extrair os dados geométricos necessários ao dimensionamento; quando a extração não é satisfatória, o fluxo prevê mecanismos auxiliares de extração e normalização das informações. Em ambos os casos, as informações obtidas alimentam a construção e atualização

Figura 1 – Fluxo metodológico do agente para projeto elétrico residencial



1.1 Aquisição das informações do projeto e consolidação do escopo

O funcionamento do método proposto depende, inicialmente, da aquisição e estruturação das informações do projeto elétrico residencial. Nesta etapa, o objetivo é transformar entradas não estruturadas (texto em linguagem natural e/ou imagem da planta) em um modelo de dados estruturado, contendo os parâmetros mínimos necessários para a execução dos dimensionamentos previstos no escopo do trabalho.

A aquisição das informações ocorre por dois caminhos: (i) interação conversacional e (ii) interpretação de planta baixa em formato de imagem. Em ambos os casos, o fluxo prevê mecanismos de confirmação e complementação, de modo que o escopo seja considerado “fechado” apenas quando o modelo do imóvel estiver completo o suficiente para dar início aos cálculos.

1.1.1 Entrada por conversação em linguagem natural

No modo conversacional, o usuário descreve características do imóvel e do fornecimento por meio de mensagens em linguagem natural. O sistema conduz uma sequência de perguntas e confirmações para reduzir ambiguidade e coletar informações essenciais. Essa abordagem é particularmente útil quando o usuário não possui a planta em imagem ou quando existem dados que não estão explicitamente presentes na planta.

As informações mínimas buscadas nessa etapa incluem:

- tensão de alimentação adotada no projeto;
- método de instalação considerado (assumindo-se um método padrão, quando não especificado, com possibilidade de alteração);
- parâmetros gerais de projeto, como hipóteses de agrupamento e organização de circuitos;
- cargas específicas (tomadas de uso específico), informadas pelo usuário, que impactam diretamente a divisão de circuitos e o dimensionamento.

À medida que o diálogo avança, as informações são registradas no modelo de dados do projeto. Quando o usuário menciona a existência de uma carga dedicada (por exemplo, um equipamento com alimentação específica em determinado ambiente), essa carga passa a compor explicitamente o modelo do imóvel e será tratada nas etapas posteriores.

1.1.2 Entrada por imagem da planta baixa

No modo de entrada por imagem, o usuário fornece uma planta baixa que contenha, preferencialmente, identificação dos ambientes e dimensões (comprimento e largura). A partir dessa entrada, o sistema realiza a interpretação da planta para extrair dados geométricos relevantes ao dimensionamento, como:

- lista de ambientes;
- dimensões dos ambientes;
- grandezas derivadas, como área e perímetro.

Quando a interpretação direta da imagem não é suficiente para extrair informações com qualidade, o método prevê um mecanismo auxiliar de extração textual como alternativa (fallback), permitindo recuperar rótulos e valores dimensionais presentes na planta. Em seguida, os dados extraídos são validados e normalizados antes de serem incorporados ao modelo do projeto.

Nesta versão do trabalho, a entrada por planta é limitada ao formato de imagem, sendo a extensão para outros formatos (por exemplo, arquivos CAD) considerada como possibilidade de trabalhos futuros.

1.1.3 Estruturação do modelo do imóvel e regras de consistência

Independentemente do canal de entrada, as informações coletadas são organizadas em um modelo estruturado do imóvel, composto, no mínimo, por:

- parâmetros de alimentação (como tensão);
- relação de ambientes (nome e dimensões);
- grandezas geométricas derivadas (área e perímetro);
- registro de cargas previstas por ambiente, incluindo cargas específicas informadas durante a interação.

Além de armazenar os dados, a metodologia aplica regras de consistência para evitar propagação de erros para as etapas de cálculo, tais como:

- verificação de dimensões válidas (valores positivos e coerentes);
- padronização de unidades e formatos numéricos;
- confirmação de informações sensíveis ao dimensionamento quando há ambiguidade (por exemplo, tensão de alimentação e presença de cargas dedicadas).

1.1.4 Critério de encerramento da etapa (escopo “fechado”)

Considera-se que o escopo está “fechado” quando o modelo do imóvel contém informações suficientes para iniciar o pipeline de dimensionamento, isto é:

1. parâmetros de alimentação definidos;
2. ambientes identificados com dimensões válidas;
3. cargas específicas relevantes registradas (quando existirem);
4. ausência de lacunas que comprometam a divisão em circuitos e o dimensionamento por critérios do escopo.

A partir desse ponto, o fluxo avança para as etapas de cálculo e validação normativa, mantendo a possibilidade de retorno à etapa de aquisição caso sejam identificadas inconsistências durante as verificações posteriores.

1.2 Modelo normativo e estratégia de aplicação

Com o escopo consolidado e o modelo do imóvel estruturado, o método avança para a etapa em que as informações coletadas são transformadas em decisões e cálculos do projeto elétrico residencial. Nesta fase, a metodologia adota como referência as normas técnicas aplicáveis a instalações elétricas de baixa tensão e as diretrizes locais de fornecimento, estabelecendo um conjunto de regras e critérios que guiam o dimensionamento, com base na ABNT NBR 5410 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004).

A estratégia adotada combina dois elementos complementares: (i) rotinas determinísticas de dimensionamento, que formalizam regras normativas em procedimentos reproduutíveis; e (ii) um mecanismo de consulta e fundamentação normativa, utilizado para justificar escolhas e responder dúvidas do usuário sobre o porquê de determinadas decisões.

Essa abordagem é relevante porque o dimensionamento elétrico possui partes estritamente normativas e calculáveis, que demandam consistência e repetibilidade, e também possui pontos em que o usuário necessita de esclarecimento técnico sobre critérios adotados e boas práticas.

1.2.1 Formalização das regras normativas

As regras extraídas dos documentos técnicos são organizadas em rotinas de cálculo e critérios de verificação. Sempre que uma regra puder ser expressa de forma objetiva (por exemplo,

cálculo de cargas mínimas, definição de limites por circuito, obrigatoriedade de circuitos exclusivos para determinadas cargas), ela é incorporada como procedimento determinístico. Dessa forma, o método garante que, para um mesmo conjunto de entradas, os resultados produzidos serão consistentes e auditáveis.

Quando houver necessidade de esclarecer decisões (por exemplo, justificar a separação de circuitos, explicar limites de potência adotados ou a razão de circuitos dedicados), o método utiliza a consulta a trechos normativos e diretrizes aplicáveis como suporte explicativo. Assim, a fundamentação técnica pode ser apresentada de forma transparente, sem comprometer a consistência do dimensionamento.

1.2.2 *Organização do pipeline de dimensionamento*

O dimensionamento é estruturado em etapas sequenciais, refletindo o fluxo de projeto e reduzindo dependências circulares. De forma geral, o pipeline é organizado como:

1. **Cálculo das cargas por ambiente:** determinação das cargas mínimas de iluminação e das cargas de tomadas de uso geral (TUG) por ambiente, conforme regras normativas para cada tipo de cômodo.
2. **Incorporação de cargas específicas (TUE):** registro de cargas informadas pelo usuário que devem receber tratamento dedicado no projeto.
3. **Divisão em circuitos terminais:** organização da instalação em circuitos de iluminação e circuitos de tomadas, com separação funcional e aplicação de critérios normativos e boas práticas para limitação de potência por circuito, quando necessário.
4. **Dimensionamento de condutores:** seleção da seção dos condutores por circuito, considerando como critério principal a capacidade de condução de corrente, dadas as premissas adotadas (material do condutor, tipo de isolamento, método de instalação e condições de referência).
5. **Dimensionamento dos dispositivos de proteção:** escolha dos dispositivos de proteção compatíveis com os circuitos dimensionados, preservando coerência técnica entre proteção e condutores.
6. **Balanceamento de fases (quando aplicável):** distribuição dos circuitos entre fases buscando equilíbrio de potência por fase, conforme boas práticas e diretrizes aplicáveis.
7. **Verificação de conformidade e ajustes:** checagem do atendimento às regras adotadas, com retorno às etapas anteriores quando necessário.

Cada uma dessas etapas produz saídas intermediárias que são armazenadas de forma estruturada, permitindo rastreabilidade e facilitando a geração do memorial de cálculo ao final do processo.

1.2.3 Premissas e limites de escopo adotados

Para tornar o método objetivo e reproduzível, foram adotadas premissas compatíveis com o contexto residencial, incluindo um método de instalação de referência e condições padrão para o dimensionamento por capacidade de condução de corrente. Nesta versão do trabalho, o dimensionamento é centrado em critérios diretamente aplicáveis às etapas de cálculo, divisão de circuitos, seleção de condutores e proteção, além do balanceamento quando pertinente.

Critérios adicionais, como verificação de queda de tensão, curto-circuito e aterramento, não são contemplados no escopo atual e são indicados como extensões futuras, sem prejuízo ao objetivo principal do trabalho.

1.3 Pipeline de dimensionamento do projeto elétrico

O dimensionamento do projeto elétrico residencial proposto neste trabalho é conduzido por um pipeline sequencial, fundamentado na previsão de cargas mínimas e na organização em circuitos terminais, conforme critérios normativos e boas práticas usuais. O levantamento das potências é realizado por meio de uma previsão das cargas mínimas de iluminação e tomadas, permitindo determinar a potência total prevista da instalação. Essa previsão segue o que estabelece o item 9.5.2 da ABNT NBR 5410 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004), que orienta o procedimento de estimativa das cargas a serem instaladas.

1.3.1 Previsão de carga de iluminação

A carga mínima de iluminação por cômodo/dependência é estimada em função da área do ambiente, conforme o **item 9.5.2** da ABNT NBR 5410 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004). Para fins de aplicação metodológica, adota-se:

- Para ambientes com **área $\leq 6 \text{ m}^2$** : prever 100 VA de carga mínima de iluminação.
- Para ambientes com **área $> 6 \text{ m}^2$** : prever 100 VA para os primeiros 6 m^2 **acrescida de 60 VA a cada aumento de 4 m^2 inteiros**.

Essa regra permite que a carga mínima de iluminação seja calculada de forma

reprodutível a partir das dimensões do cômodo, gerando como saída: (i) potência de iluminação por ambiente e (ii) potência total de iluminação da residência.

Observação normativa: além da potência, a norma estabelece que, para cada cômodo ou dependência, deve ser previsto **pelo menos um ponto de luz fixo no teto**, comandado por interruptor, conforme o **subitem 9.5.2.1.1** da ABNT NBR 5410 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004).

1.3.2 Precisão de tomadas de uso geral

A previsão de TUG é realizada conforme o item 9.5.2 da ABNT NBR 5410 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004), diferenciando-se por tipo de ambiente. Além disso, no caso de banheiros e demais situações com restrições, deve-se respeitar as condições de instalação indicadas no item 9.1 (restrições/zonas aplicáveis ao ambiente).m[]

De forma resumida, a metodologia aplica:

- **Banheiros:** prever pelo menos **1 tomada** próxima ao lavatório, respeitando as restrições do **item 9.1**; atribuir **600 VA por tomada** (mínimo).
- **Cozinhas, copas, copas-cozinhas, áreas de serviço, lavanderias e locais semelhantes:** prever no mínimo **1 tomada a cada 3,5 m de perímetro** (ou fração); atribuir **600 VA por ponto para até 3 pontos e 100 VA por ponto excedente**, considerando cada ambiente separadamente.
- **Varandas:** prever pelo menos **1 tomada** (admitindo-se posição próxima ao acesso em situações construtivas específicas); atribuir **100 VA por tomada**.
- **Salas e dormitórios:** prever no mínimo **1 tomada a cada 5 m de perímetro** (ou fração); atribuir **100 VA por tomada**.
- **Demais cômodos/dependências:** se área $\leq 6 \text{ m}^2$, prever ao menos 1 tomada; se área $> 6 \text{ m}^2$, prever **1 tomada a cada 5 m de perímetro** (ou fração); atribuir **100 VA por tomada**.

Como saída dessa etapa, o método obtém a quantidade mínima de TUG por ambiente, a potência atribuída por ambiente e o total de TUG da instalação.

Com base nas regras de previsão de carga mínima de iluminação (item 9.5.2) e nas regras de TUG sintetizadas na Tabela 1 obtém-se a carga prevista de TUG por ambiente e a carga total de TUG da instalação, as quais são utilizadas nas etapas posteriores de divisão em circuitos terminais e dimensionamento.

Tabela 1 – Regras mínimas de previsão de TUG por tipo de ambiente e potência atribuída

Tipo de ambiente	Regra mínima de quantidade	Potência atribuída
Banheiros	Pelo menos 1 tomada próxima ao lavatório (ver item 9.1)	≥ 600 VA por tomada
Cozinhas, copas, áreas de serviço e semelhantes	1 tomada a cada 3,5 m de perímetro (ou fração), independente da área	600 VA até 3 pontos; 1
Varandas	Pelo menos 1 tomada (admite-se próxima ao acesso)	100 VA por tomada
Salas e dormitórios	1 tomada a cada 5 m de perímetro (ou fração), independente da área	100 VA por tomada
Demais cômodos	Área ≤ 6 m ² : 1 tomada; Área > 6 m ² : 1 a cada 5 m de perímetro	100 VA por tomada

Fonte: Adaptado de ABNT (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004).

1.3.3 Tomadas de uso específico - TUE e circuitos dedicados

As cargas específicas (TUE) são incorporadas ao modelo do projeto a partir das informações fornecidas pelo usuário (ex.: condicionador de ar, chuveiro elétrico, máquina de lavar). Conforme o **subitem 9.5.3.1** da ABNT NBR 5410 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004), todo ponto de utilização previsto para alimentar equipamento de modo exclusivo ou virtualmente dedicado, com corrente nominal superior a 10 A, deve constituir um circuito independente.

Na prática metodológica, isso implica:

- **registrar cada TUE** com sua localização (ambiente) e característica de potência/corrente;
- **alocar cada TUE em circuito terminal próprio**, evitando compartilhamento com TUG;
- **permitir (por critério de projetista)** a criação de circuitos dedicados também para cargas com corrente inferior a 10 A quando houver justificativa técnica (por exemplo, natureza motriz ou sensibilidade eletrônica), mantendo coerência com a boa prática.

1.3.4 Divisão da instalação em circuitos terminais

Com as cargas mínimas de iluminação e TUG calculadas e as TUE consolidadas, realiza-se a divisão da instalação em circuitos terminais. Essa divisão visa facilitar operação e manutenção, permitir seccionamento adequado e reduzir interferência entre pontos de utilização.

A metodologia aplica:

- (a) **Separação funcional:** circuitos de **iluminação** devem ser separados de circuitos de **tomadas de uso geral** (boa prática consistente com projetos residenciais).

- (b) **Circuitos exclusivos para TUE (subitem 9.5.3.1):** TUE alocadas em circuitos independentes quando aplicável (corrente nominal > 10 A ou carga dedicada/virtualmente dedicada).
- (c) **Tomadas de cozinhas e áreas semelhantes (item 9.5.3.2):** os pontos de tomada de cozinhas, copas-cozinhas, áreas de serviço, lavanderias e locais semelhantes devem ser atendidos por circuitos destinados **exclusivamente** às tomadas desses locais.
- (d) **Limitação de potência por circuito:** para manter o projeto coerente com faixas usuais de proteção, adota-se a limitação de potência como boa prática:
 - **Iluminação:** limitar a potência por circuito conforme prática didática e valores de referência por tensão.
 - **TUG:** limitar a potência por circuito considerando a capacidade dos dispositivos de proteção e condutores.

Nota: Quando a potência total se mantém abaixo dos limites de referência, admite-se manter um único circuito, respeitadas as separações funcionais.

- (e) **Distribuição entre fases:** em instalações bifásicas ou trifásicas, as cargas devem ser distribuídas buscando o maior equilíbrio possível entre as fases.

1.3.5 Previsão de circuitos reserva

O método prevê reserva para ampliações futuras sob dois aspectos complementares:

- reserva física no quadro de distribuição (espaço para inclusão de disjuntores/circuitos);
- reserva de potência associada a circuitos típicos (valores usuais adotados por critério de projetista em práticas acadêmicas e profissionais).

1.3.6 Dimensionamento de condutores e dispositivos de proteção

Após a definição dos circuitos terminais, estima-se a corrente por circuito a partir da potência atribuída e da tensão do projeto. Em seguida:

- dimensionam-se os condutores pelo critério principal de capacidade de condução de corrente (ampacidade), adotando premissas usuais do escopo (material e isolação usuais, método de instalação de referência e condições padrão);
- selecionam-se os dispositivos de proteção coerentes com o circuito dimensionado, assegurando compatibilidade entre proteção e condutor.

1.3.7 Balanceamento de fases

Quando aplicável, o balanceamento é realizado visando equilibrar a potência por fase, distribuindo circuitos de modo a reduzir assimetrias. Circuitos dedicados (TUE) são tratados como elementos prioritários, a fim de evitar repartições inadequadas e preservar a lógica funcional do projeto.

1.3.8 Verificação final e retorno para correções

Ao final do pipeline, verifica-se o atendimento às regras normativas citadas (itens 9.5.2, 9.5.2.1.1, 9.1, 9.5.3.1 e 9.5.3.2) e às boas práticas adotadas. Caso alguma inconsistência seja detectada (por exemplo, circuito excedendo limite de potência de referência ou TUE não dedicada), o fluxo retorna à etapa pertinente (divisão de circuitos ou dimensionamento), até que o conjunto final esteja coerente para geração do memorial.

1.4 Geração do memorial de cálculo e organização da documentação do projeto

Concluídas as etapas de previsão de cargas, divisão em circuitos terminais e dimensionamento, os resultados são consolidados em um memorial de cálculo. Esse documento tem por finalidade registrar, de forma organizada e rastreável, as premissas adotadas, os critérios normativos utilizados e os principais resultados obtidos, permitindo verificação técnica e comunicação clara do projeto.

O memorial gerado segue uma estrutura padronizada, organizada em seções que refletem diretamente o pipeline descrito na Seção 1.3, garantindo coerência entre: (i) informações de entrada, (ii) resultados intermediários e (iii) dimensionamento final.

1.4.1 Organização do memorial

O memorial é composto, de modo geral, pelas seguintes seções:

1. Dados da obra

Identificação da edificação, localização, tipo de uso e dados básicos do projeto. Essa seção também inclui campos para identificação do(s) projetista(s) e informações de fornecimento quando aplicável.

2. Objetivos e escopo do memorial

Apresenta o objetivo do documento e delimita o escopo do projeto gerado, tipicamente incluindo:

- definição e quantificação de cargas por ambiente;
- cálculo da potência instalada prevista;
- divisão em circuitos terminais;
- dimensionamento de condutores e especificação das proteções;
- diretrizes de organização do quadro e registros necessários para execução.

3. Metodologia aplicada no memorial

Resume os critérios adotados para levantamento de cargas e dimensionamento, com referência direta aos itens normativos que fundamentam as regras aplicadas. Em especial:

- previsão de cargas mínimas de iluminação e tomadas conforme ABNT NBR 5410 (item 9.5.2);
- obrigatoriedade de ponto de luz fixo por ambiente conforme subitem 9.5.2.1.1;
- regras de TUG por tipo de ambiente, com observação de restrições de instalação em ambientes específicos conforme item 9.1 quando aplicável;
- critério de circuitos dedicados para TUE conforme subitem 9.5.3.1;
- necessidade de circuitos exclusivos para tomadas de cozinhas/áreas similares conforme item 9.5.3.2;
- critérios de dimensionamento de condutores por capacidade de condução de corrente e seções mínimas, conforme os itens aplicáveis da ABNT NBR 5410.

4. Levantamento de cargas (por ambiente)

Apresenta tabelas por dependência com: área, perímetro, quantidade de pontos e potência mínima prevista para:

- iluminação (com base no item 9.5.2);
- TUG (com base no item 9.5.2 e restrições do item 9.1 quando aplicável);
- TUE (quando houver), registrando a carga nominal informada para cada equipamento.

Ao final, o memorial consolida um quadro-resumo de cargas e a potência total prevista.

5. Divisão dos circuitos terminais

Documenta a etapa de agrupamento das cargas em circuitos, explicitando:

- separação entre iluminação e tomadas;
- criação de circuitos exclusivos para TUE (subitem 9.5.3.1);
- circuitos exclusivos para cozinhas/áreas similares (item 9.5.3.2);

- aplicação de limites de potência por circuito como boa prática;
- registro de circuitos reserva.

6. Padrão de fornecimento e dimensionamento da entrada/proteção geral

Com base na potência instalada prevista e nos critérios aplicáveis da concessionária local, registra: tipo de fornecimento (monofásico/bifásico/trifásico), proteção geral e seção mínima do condutor de entrada.

7. Balanceamento de cargas (quando aplicável)

Apresenta a distribuição dos circuitos e um resumo das potências por fase, buscando o equilíbrio de potência.

8. Dimensionamento dos condutores

Apresenta o dimensionamento por circuito contendo: potência, tensão, corrente de projeto e seção final selecionada, incluindo condutores neutro e de proteção.

9. Dimensionamento dos dispositivos de proteção

Documenta a seleção do dispositivo de proteção por circuito, registrando o critério de coordenação entre corrente de projeto, corrente nominal do dispositivo e capacidade do condutor através das inequações normativas.

10. Resumo consolidado

Consolida em tabelas finais: resumo por dependência, resumo por circuito, tabela completa de dimensionamento e resumo do fornecimento geral.

1.4.2 Rastreabilidade entre método e documento

A estrutura do memorial é construída para manter correspondência direta com o pipeline descrito na Seção 3.3. Assim, cada tabela do memorial deriva de uma etapa do método (cargas → circuitos → condutores → proteções → fornecimento/balanceamento), permitindo auditoria e verificação dos resultados obtidos.

1.5 Estratégia de validação da metodologia

A validação da metodologia proposta foi conduzida por meio de um estudo de caso, no qual os resultados gerados pelo método foram comparados com referências acadêmicas consolidadas no contexto de instalações elétricas residenciais. O objetivo dessa validação é verificar se as saídas produzidas, tais como previsão de cargas mínimas, divisão em circuitos

terminais, dimensionamento de condutores, seleção de dispositivos de proteção e, quando aplicável, balanceamento de fases, permanecem coerentes com os critérios normativos e com práticas de projeto utilizadas no ensino de engenharia elétrica.

1.5.1 Base de referência e dados utilizados

Como referência principal, foi adotado um projeto elétrico residencial disponibilizado em contexto didático no curso de instalações elétricas residenciais da Universidade Federal do Ceará (UFC) (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2023), que inclui enunciado do projeto, solução de referência (gabarito do docente) e soluções típicas produzidas por discentes. Essa escolha se justifica por se tratar de material estruturado com finalidade pedagógica e alinhado às exigências normativas, permitindo uma comparação objetiva entre o resultado esperado e o resultado obtido pela metodologia.

A entrada do estudo de caso foi composta pelas informações essenciais do imóvel (ambientes e dimensões) e pelos parâmetros de fornecimento e premissas usuais de projeto (por exemplo, tensão e condições de instalação de referência), de modo a reproduzir condições equivalentes às utilizadas no exercício acadêmico.

1.5.2 Critérios de avaliação e equivalência aceitável

A comparação entre os resultados foi feita considerando dois níveis:

1. Conformidade normativa: verificação do atendimento aos requisitos e critérios prescritos na ABNT NBR 5410 aplicáveis às etapas contempladas no escopo do trabalho, incluindo a previsão de cargas mínimas, regras de pontos de tomada e pontos de iluminação, e requisitos de circuitos dedicados e separação funcional.
2. Equivalência de projeto (critério de projetista): reconhecimento de que, mesmo com atendimento normativo, podem existir variações legítimas de projeto. Assim, foram considerados equivalentes resultados que, embora não idênticos em todos os detalhes ao gabarito, permanecem tecnicamente aceitáveis.

Esse critério é relevante especialmente na divisão de circuitos, onde diferentes agrupamentos podem ser adotados sem violar requisitos, desde que sejam respeitadas as regras de separação, exclusividade quando exigida e limites de potência/corrente aplicáveis.

2 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos a partir da aplicação da metodologia descrita no Capítulo 3 em três estudos de caso provenientes de manuais e roteiros de laboratório utilizados em disciplinas de engenharia elétrica na Universidade Federal do Ceará. Para cada estudo de caso, a entrada é composta pela planta arquitetônica com as dimensões dos ambientes, a partir da qual são realizadas as etapas de: (i) previsão de cargas mínimas por ambiente, (ii) consolidação das cargas e divisão em circuitos terminais, (iii) dimensionamento de condutores e dispositivos de proteção e (iv) determinação do tipo de fornecimento e, quando aplicável, balanceamento de cargas.

Os resultados obtidos foram avaliados por comparação com materiais de referência do contexto didático (respostas desenvolvidas manualmente, soluções típicas de discentes e gabarito), adotando-se como critério principal a reprodutibilidade das cargas mínimas por ambiente e a determinação do tipo de fornecimento. Adicionalmente, foram analisadas a coerência da divisão de circuitos e dos dimensionamentos correlatos (seções de condutores e disjuntores), reconhecendo-se que essas escolhas podem admitir variações decorrentes de critérios de projeto e premissas de instalação, desde que preservados os requisitos técnicos aplicáveis.

2.1 Estudos de caso e dados de entrada

A validação foi conduzida por meio de três exercícios extraídos de manuais e procedimentos de laboratório de disciplinas relacionadas a instalações elétricas, nos quais é proposto o desenvolvimento completo do projeto elétrico residencial a partir da planta e de requisitos mínimos. Os três estudos de caso são compostos por residências/apartamentos com distribuição típica de ambientes, possibilitando avaliar a metodologia em cenários de complexidade crescente.

2.1.1 *Estudo de caso 1*

O primeiro estudo de caso corresponde a uma residência composta por quatro dependências: cozinha, banheiro, sala e quarto. As dimensões de cada ambiente são apresentadas na Tabela 2

Tabela 2 – Dimensões, áreas e perímetros dos ambientes do projeto

Ambiente	Dimensões (m)	Área (m ²)	Perímetro (m)
Cozinha	4,00 × 3,15	12,6	14,3
Sala	4,00 × 3,00	12,0	14,0
WC	2,70 × 2,00	5,4	9,4
Quarto	3,00 × 3,25	9,75	12,5

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

2.1.2 Estudo de caso 2

O segundo estudo de caso corresponde a um apartamento composto por cozinha, sala, quarto, banheiro e uma área de circulação. As dimensões são apresentadas na Tabela 3

Tabela 3 – Ambientes e dimensões do Estudo de Caso 2

Ambiente	Dimensões (m)	Área (m ²)	Perímetro (m)
Cozinha	7,00 × 3,00	21,00	20,00
Sala	4,50 × 3,00	13,50	15,00
Quarto	4,50 × 3,00	13,50	15,00
Banheiro	3,00 × 3,00	9,00	12,00
Circulação	1,00 × 6,00	6,00	14,00

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

2.1.3 Estudo de caso 3

O terceiro estudo de caso corresponde a um apartamento com maior quantidade de dependências, incluindo área de serviço, cozinha, dois dormitórios, banheiro, copa e sala. As dimensões são apresentadas na Tabela 4

Tabela 4 – Ambientes e dimensões do Estudo de Caso 3

Ambiente	Dimensões (m)	Área (m ²)	Perímetro (m)
Área de serviço	1,75 × 3,40	5,95	10,30
Cozinha	3,05 × 3,75	11,44	13,60
Dormitório 1	3,40 × 3,25	11,05	13,30
Dormitório 2	3,40 × 3,15	10,71	13,10
Banheiro	2,30 × 1,80	4,14	8,20
Copa	3,05 × 3,10	9,46	12,30
Sala	3,05 × 3,25	9,91	12,60

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

2.1.4 Premissas gerais adotadas nos três estudos de caso

Para garantir comparabilidade, foram adotadas premissas comuns aos três casos:

- Tensão nominal: 220 V.
- Tomadas de uso específico (TUE): não foram consideradas nos três exercícios, por se tratar de escopo alinhado ao manual de práticas; entretanto, o método prevê a inclusão desse tipo de carga quando necessário.
- Condições de instalação para dimensionamento: método de referência B1 (condutores em eletroduto embutido), condutores de cobre com isolamento em PVC e hipótese de agrupamento máximo de três circuitos como premissa padrão de projeto.
- Tipo de fornecimento: determinado a partir da potência instalada e das diretrizes da concessionária local, podendo resultar em alimentação monofásica, bifásica ou trifásica conforme o caso.

2.2 Previsão de cargas mínimas por ambiente

Nesta seção são apresentados os resultados do levantamento das cargas mínimas de iluminação e tomadas de uso geral (TUG) para os três estudos de caso descritos na Seção 4.1. A previsão de cargas seguiu os critérios normativos para determinação de potências mínimas por ambiente, permitindo consolidar a potência prevista e servir de base para a divisão em circuitos terminais e dimensionamentos subsequentes.

Ressalta-se que não foram consideradas cargas de tomadas de uso específico (TUE) nos três estudos por se tratarem de exercícios didáticos de manual. Ainda assim, a metodologia prevê a inclusão de TUE quando identificadas na entrada ou informadas pelo usuário.

2.2.1 Estudo de caso 1

Tabela 5 – Cargas mínimas de iluminação (Estudo de caso 1)

Dependência	Área (m ²)	Perímetro (m)	Nº de pontos	Potência total (VA)
Cozinha	12,60	14,30	2	160
WC	5,40	9,40	1	100
Sala	12,00	14,00	2	160
Quarto	9,75	12,50	1	100
Total			6	520

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 6 – Cargas mínimas de TUG (Estudo de caso 1)

Dependência	Área (m ²)	Perímetro (m)	Nº TUG 100 VA	Nº TUG 600 VA	Potência total (VA)
Cozinha	12,60	14,30	2	3	2000
WC	5,40	9,40	0	1	600
Sala	12,00	14,00	3	0	300
Quarto	9,75	12,50	3	0	300
Total			8	4	3200

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

2.2.2 Estudo de caso 2

Tabela 7 – Cargas mínimas de iluminação (Estudo de caso 2)

Dependência	Área (m ²)	Perímetro (m)	Nº de pontos	Potência total (VA)
Cozinha	21,00	20,00	4	280
Sala	13,50	15,00	2	160
Quarto	13,50	15,00	2	160
WC	9,00	12,00	1	100
Circulação	6,00	14,00	1	100
Total			10	800

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 8 – Cargas mínimas de TUG (Estudo de caso 2)

Dependência	Área (m ²)	Perímetro (m)	Nº TUG 100 VA	Nº TUG 600 VA	Potência total (VA)
Cozinha	21,00	20,00	3	3	2100
Sala	13,50	15,00	3	0	300
Quarto	13,50	15,00	3	0	300
WC	9,00	12,00	0	1	600
Circulação	6,00	14,00	1	0	100
Total			10	4	3400

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 9 – Cargas mínimas de iluminação (Estudo de caso 3)

Dependência	Área (m ²)	Perímetro (m)	Nº de pontos	Potência total (VA)
Área de serviço	5,95	10,30	1	100
Dormitório 2	10,71	13,10	2	160
Banheiro	4,14	8,20	1	100
Dormitório 1	11,05	13,30	2	160
Cozinha	11,44	13,60	2	160
Copa	9,46	12,30	1	100
Sala	9,91	12,60	1	100
Total			10	880

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 10 – Cargas mínimas de TUG (Estudo de caso 3)

Dependência	Área (m ²)	Perímetro (m)	Nº TUG 100 VA	Nº TUG 600 VA	Potência total (VA)
Área de serviço	5,95	10,30	1	0	100
Dormitório 2	10,71	13,10	3	0	300
Banheiro	4,14	8,20	0	1	600
Dormitório 1	11,05	13,30	3	0	300
Cozinha	11,44	13,60	1	3	1900
Copa	9,46	12,30	1	3	1900
Sala	9,91	12,60	3	0	300
Total			12	7	5400

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

2.2.3 Estudo de caso 3

2.3 Divisão em circuitos terminais

A partir das cargas previstas na Seção 4.2, as cargas foram agrupadas e distribuídas em circuitos terminais. Em todos os casos, foi mantida a separação entre circuitos de iluminação e circuitos de tomadas. Adicionalmente, foram previstos circuitos reserva no quadro de distribuição, seguindo prática usual de projeto para acomodar ampliações futuras.

Tabela 11 – Divisão em circuitos (Estudo de caso 1)

Círculo	Tipo	Dependências	Descrição	Potência (VA)	FP	Potência (W)
1	Iluminação	Cozinha, Sala, WC, Quarto	Iluminação geral	520	1,00	520
2	TUG	Cozinha	TUGs Cozinha	2000	0,80	1600
3	TUG	WC, Sala, Quarto	TUGs agrupadas	1200	0,80	960
4	Reserva	–	Círculo reserva 1	2200	1,00	2200
5	Reserva	–	Círculo reserva 2	2200	1,00	2200
Total				8120		7480

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 12 – Divisão em circuitos (Estudo de caso 2)

Círculo	Tipo	Dependências	Descrição	Potência (VA)	FP	Potência (W)
1	Iluminação	Cozinha, Sala, Quarto, WC, Circulação	Iluminação geral	800	1,00	800
2	TUG	Cozinha	TUGs Cozinha	2100	0,80	1680
3	TUG	WC, Sala, Quarto, Circulação	TUGs agrupadas	1300	0,80	1040
4	Reserva	–	Círculo reserva 1	2200	1,00	2200
5	Reserva	–	Círculo reserva 2	2200	1,00	2200
Total				8600		7920

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 13 – Divisão em circuitos (Estudo de caso 3)

Círculo	Tipo	Dependências	Descrição	Potência (VA)	FP	Potência (W)
1	Iluminação	Todos os ambientes	Iluminação geral	880	1,00	880
2	TUG	Área de serviço	TUGs área de serviço	100	0,80	80
3	TUG	Cozinha	TUGs cozinha	1900	0,80	1520
4	TUG	Copa	TUGs copa	1900	0,80	1520
5	TUG	Banheiro, Dorm. 1, Dorm. 2, Sala	TUGs agrupadas	1500	0,80	1200
6	Reserva	–	Círculo reserva 1	2200	1,00	2200
7	Reserva	–	Círculo reserva 2	2200	1,00	2200
Total				10680		9600

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

2.3.1 Estudo de caso 1

2.3.2 Estudo de caso 2

2.3.3 Estudo de caso 3

2.4 Dimensionamento dos circuitos

Após a divisão da instalação em circuitos terminais (Seção 4.3), procedeu-se ao dimensionamento elétrico de cada circuito, contemplando: (i) determinação da corrente de projeto, (ii) seleção da seção dos condutores de fase, neutro e proteção, e (iii) seleção do dispositivo de proteção (disjuntor) segundo os critérios usuais de coordenação entre corrente do circuito, capacidade de condução do condutor e corrente nominal do dispositivo.

Em todos os estudos de caso, adotaram-se as seguintes premissas: tensão nominal de 220 V, condutores de cobre com isolamento em PVC e método de instalação compatível com o método de referência utilizado na metodologia. A corrente de projeto de cada circuito foi obtida a partir da potência ativa atribuída e da tensão do circuito. Em seguida, a seção dos condutores foi definida garantindo atendimento simultâneo a: (a) seção mínima aplicável ao tipo de circuito e (b) capacidade de condução de corrente do condutor. Por fim, o disjuntor foi selecionado de modo a atender a condição de coordenação do tipo:

$$I_B \leq I_N \leq I_Z$$

onde I_B representa a corrente de projeto do circuito, I_N a corrente nominal do dispositivo de proteção e I_Z a capacidade de condução de corrente do condutor no método de instalação adotado.

Tabela 14 – Seções dos condutores (Estudo de caso 1)

Círcuito	Potência (W)	Tensão (V)	Corrente (A)	Fase (mm ²)	Neutro (mm ²)	Proteção (mm ²)
C01	520,0	220	2,4	1,5	1,5	1,5
C02	1600,0	220	9,1	2,5	2,5	2,5
C03	960,0	220	5,5	2,5	2,5	2,5
C04	2200,0	220	10,0	2,5	2,5	2,5
C05	2200,0	220	10,0	2,5	2,5	2,5

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 15 – Dimensionamento dos disjuntores (Estudo de caso 1)

Círcuito	I_B (A)	I_Z (A)	I_N (A)	Seção (mm ²)	Redimensionado
C01	2,4	17,5	3	1,5	Não
C02	9,1	24	10	2,5	Não
C03	5,5	24	6	2,5	Não
C04	10,0	24	10	2,5	Não
C05	10,0	24	10	2,5	Não

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 16 – Seções dos condutores (Estudo de caso 2)

Círcuito	Potência (W)	Tensão (V)	Corrente (A)	Fase (mm ²)	Neutro (mm ²)	Proteção (mm ²)
C01	800,0	220	3,6	1,5	1,5	1,5
C02	1680,0	220	9,5	2,5	2,5	2,5
C03	1040,0	220	5,9	2,5	2,5	2,5
C04	2200,0	220	10,0	2,5	2,5	2,5
C05	2200,0	220	10,0	2,5	2,5	2,5

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 17 – Dimensionamento dos disjuntores (Estudo de caso 2)

Círcuito	I_B (A)	I_Z (A)	I_N (A)	Seção (mm ²)	Redimensionado
C01	3,6	17,5	6	1,5	Não
C02	9,5	24	10	2,5	Não
C03	5,9	24	6	2,5	Não
C04	10,0	24	10	2,5	Não
C05	10,0	24	10	2,5	Não

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 18 – Seções dos condutores (Estudo de caso 3)

Círcuito	Potência (W)	Tensão (V)	Corrente (A)	Fase (mm ²)	Neutro (mm ²)	Proteção (mm ²)
C01	880,0	220	4,0	1,5	1,5	1,5
C02	80,0	220	0,5	2,5	2,5	2,5
C03	1520,0	220	8,6	2,5	2,5	2,5
C04	1520,0	220	8,6	2,5	2,5	2,5
C05	1200,0	220	6,8	2,5	2,5	2,5
C06	2200,0	220	10,0	2,5	2,5	2,5
C07	2200,0	220	10,0	2,5	2,5	2,5

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tabela 19 – Dimensionamento dos disjuntores (Estudo de caso 3)

Círcuito	I_B (A)	I_Z (A)	I_N (A)	Seção (mm ²)	Redimensionado
C01	4,0	17,5	6	1,5	Não
C02	0,5	24	3	2,5	Não
C03	8,6	24	10	2,5	Não
C04	8,6	24	10	2,5	Não
C05	6,8	24	8	2,5	Não
C06	10,0	24	10	2,5	Não
C07	10,0	24	10	2,5	Não

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

2.4.1 Estudo de caso 1

2.4.2 Estudo de caso 2

2.4.3 Estudo de caso 3

2.5 Determinação do tipo de fornecimento e proteção geral

Com base na potência instalada obtida após a divisão dos circuitos e conforme diretrizes aplicáveis da concessionária local, foi determinado o tipo de fornecimento e especificada a proteção geral, incluindo a seção mínima do condutor de alimentação e o disjuntor geral.

Tabela 20 – Tipo de fornecimento e proteção geral (síntese)

Estudo de caso	Potência instalada (kW)	Tipo de fornecimento	Condutor mínimo (mm ²)	Disjuntor geral (A)
Caso 1	7,48	Monofásico	4,0	32
Caso 2	7,92	Monofásico	4,0	32
Caso 3	9,60	Monofásico	6,0	40

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

2.6 Síntese comparativa dos estudos de caso

A Tabela 21 apresenta uma visão consolidada dos principais resultados obtidos, evidenciando a progressão de carga e complexidade entre os cenários.

Tabela 21 – Comparativo geral dos estudos de caso

Parâmetro	Caso 1	Caso 2	Caso 3
Potência de iluminação total (VA)	520	800	880
Potência TUG total (VA)	3200	3400	5400
Potência instalada total (kW)	7,48	7,92	9,60
Nº de circuitos (ativos/total)	3 / 5	3 / 5	5 / 7
Tipo de fornecimento	Monofásico	Monofásico	Monofásico
Disjuntor geral (A)	32	32	40

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

2.7 Discussão e validação dos resultados

A validação foi conduzida comparando os resultados obtidos com as soluções desenvolvidas manualmente e com o gabarito associado aos exercícios dos manuais de laboratório. Como critérios principais de validação, foram priorizados dois indicadores fundamentais:

- Invariante normativas:** as cargas mínimas por ambiente (iluminação e TUG) são determinadas por critérios normativos objetivos baseados em área, perímetro e classificação do ambiente. Portanto, para uma mesma planta de entrada, esses valores devem ser invariantes. Do mesmo modo, o tipo de fornecimento é uma função direta da potência instalada acumulada e das normas da concessionária local. A convergência total observada nesses itens (Tabela 22) valida a precisão do motor de cálculo em relação às regras de projeto.
- Coerência elétrica do dimensionamento:** a integridade técnica da solução foi verificada pela manutenção da condição de coordenação $I_B \leq I_N \leq I_Z$ em todos os circuitos. Observou-se que, para o conjunto de cargas e premissas adotadas, não houve necessidade de redimensionamento de condutores por critério de proteção (coluna "Redimensionado" nas tabelas de disjuntores), indicando que a seleção inicial baseada na capacidade de condução foi suficiente e consistente com as proteções de mercado selecionadas. Ressalta-se que, mesmo em circuitos com correntes muito reduzidas (como o C02 do Estudo de caso 3, com

apenas 0,5 A), a seção dos condutores foi mantida em conformidade com os requisitos de seção mínima normativa para circuitos de força e por critérios de padronização de projeto.

Em todos os três estudos de caso, observou-se concordância integral entre as cargas mínimas por ambiente calculadas e as referências (gabarito e soluções manuais). Do mesmo modo, o tipo de fornecimento identificado foi equivalente ao esperado no material de referência para o conjunto de premissas adotadas.

Foram observadas divergências pontuais ao comparar com soluções de alguns discentes, principalmente quando estes optaram por incluir cargas adicionais (por exemplo, considerar a presença de alguma TUE), o que pode elevar a potência instalada e, consequentemente, alterar o tipo de fornecimento. Contudo, esse comportamento não caracteriza inconsistência do método, mas sim diferença de escopo: quando o conjunto de cargas consideradas é alterado, é esperado que as etapas subsequentes do projeto (circuitos, dimensionamentos e fornecimento) sejam impactadas. No recorte de validação adotado, isto é, cargas mínimas normativas conforme o manual, os resultados permaneceram consistentes.

Tabela 22 – Resultado da validação (síntese)

Estudo de caso	Cargas mínimas por ambiente	Tipo de fornecimento	Observações
Caso 1	Convergência total	Convergência total	Divergências em soluções de terceiros associadas a inclusão de cargas adicionais
Caso 2	Convergência total	Convergência total	Mesmo comportamento observado
Caso 3	Convergência total	Convergência total	Mesmo comportamento observado

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 5410**: Instalações elétricas de baixa tensão. Rio de Janeiro, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Projeto Elétrico Residencial: Enunciado e Gabarito**. 2023. Material didático do curso de Instalações Elétricas.

ÍNDICE

Adobe

 Illustrator, 22

 Photoshop, 22

CorelDraw, 22

Gimp, 22

InkScape, 22